



SAÚDE
DESENJO E
PENSAMENTO

AS ORIGENS DA FILOSOFIA NÔMADE

LUIZ
FUGANTI

**SAÚDE
DESEJO E
PENSAMENTO**



SAÚDE DESEJO E PENSAMENTO

AS ORIGENS DA FILOSOFIA NÔMADE

LUIZ
FUGANTI

3ª EDIÇÃO
mojo

6

INTRODUÇÃO

18

A RELAÇÃO ENTRE O DESEJO E O PENSAMENTO

24

O PENSAMENTO SEDENTÁRIO

64

O PENSAMENTO NÔMADE

82

UM DIÁLOGO

142

POR UMA CRÍTICA DO DESEJO SEDENTÁRIO

178

GLOSSÁRIO

182

BIBLIOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Esta obra se propõe a entender e problematizar noções e práticas referentes à saúde, ao desejo e ao pensamento, com base em sua mais remota emergência, isto é, as origens do pensamento ocidental. Entretanto, essa ligação não se dá a partir de valores de origem eleitos universais, tampouco a partir de verdades culturalmente consolidadas e elevadas ao status de referências ideais e transcendentais à vida, que sobrevoam os modos de ser em sociedade; mas pela apreensão de um campo de imanência dos modos de desejar e valorar que perfazem a consistência das formações sociais, econômicas e políticas de uma época. É na emergência de certas modalidades de devires humanos que se cria, em cada contexto espaço-temporal, um campo de forças no qual se originam modos singulares de universalizar ideais

e normatizar práticas, quando então desejos e crenças se tecem e se concretizam. Portanto, ao distinguir as linhas de forças que inauguram e sustentam uma formação social, constitutivas de seu fortalecimento (ou enfraquecimento), compreendemos também seus modos de colocar problemas e de criar respostas para o seu crescimento; os acontecimentos determinantes que fazem a diferença em seu modo de conduzir a vida, que distribuem novas demandas e organizam novas funções; enfim, o conjunto de correlações racionais, formais e funcionais, o plano de integração desse campo de forças que, no caso das sociedades gregas, abriu as portas para o que se convencionou chamar de “pensamento ocidental”.

Saúde, desejo e pensamento. Observar como se construiu a imagem ocidental do pensamento e seus paradigmas acerca desses três conceitos, com suas respectivas práticas, implica em posicionar-se em determinada zona de imanência. Não é desdobrando dialeticamente as formas enteradas nas camadas da história e do tempo que encontraremos um fio de continuidade que nos conduzirá a uma verdade de um ser primeiro e nos recolocará na boa direção de um sentido último, final e absoluto do devir e da história. Não nos faz falta o útero nem a terra natal. Não queremos nos recolher no Ser; queremos traçar o modo como se produz

uma geopolítica das intensidades e seus devires. Queremos encontrar ou fabricar as pontes que atravessam fronteiras, que fazem do devir o sentido da passagem e que transmutam o valor ou a potência de seus elementos constituintes. O singular não tem desejo de eternidade pois tem potência para se repetir, diferenciando-se nos condensados de espaço-tempo que traça e faz emergir.

É decisivo para a mudança radical de nosso destino apreender, através da imanência do devir, o emergir da própria transcendência do Ser. Entender como se criaram valores distintos, desejados como superiores ao sentido da Terra. Apanhar as fontes do Juízo que nunca deixou de engessar a vida em formas universais, legitimando, por paralogismos, julgamentos depreciativos da natureza. Operar a gênese de um modo humano de existir que inventou para si um tipo de vida moral e racional e que conduziu muitas vezes o desejo e o pensamento à negação de si mesmos, à sua própria servidão ou repressão, como se se tratassem de sua salvação ou liberdade.

Contudo, se pensar é encontrar a essência do que se faz enquanto se faz, confundindo o ato de conceber com o próprio ato de criar; se é produzir realidades inéditas ao mesmo tempo em que se as apreende; se é abrir caminhos que se bifurcam no limiar da efetuação e tangenciam ou

tocam a própria realidade virtual como sustentáculo da existência atual; se é fazer correr o desejo ao mesmo tempo para o passado e para o futuro, como promessa, espreita ou espera vitalizadora, intensificadora do existir; se assim é, devemos perguntar então: como, em que condições, sob o jugo de quais forças ou poderes o pensamento, em determinados momentos e lugares, se dobrou, fabricando para si a gaiola da interioridade? Sob quais coações ele espiritualizou-se enquanto adentrava sua própria prisão, para melhor segregar o corpo e seduzir o desejo? Como, sendo assim capturado por seus próprios planos de representação de verdades, vistas por ele como superiores, condenou-se a contemplar modelos para depois refleti-los, reconhecer ordens e hierarquias racionais para depois projetá-las e reproduzi-las na vida e no corpo, julgando-os, julgando-se e sendo julgado ao introjetar deveres reativos nos devires ativos da própria existência?

Tudo isso nos salvaria ou aperfeiçoaria nossa existência? Seria para nossa segurança e para o desenvolvimento inelutável do humano? Como se a Lei, como puro valor em si ou forma superior de um dever-ser, fosse necessária para a vida em sociedade, esquecendo-se que todo ideal como entidade é ficção e disposição de captura, portador de sentenças de morte e inoculador de faltas. Como então foi

possível que certas formações de saberes esquadrinhassem a vida e conduzissem o pensamento por essas vias circulares e sem saída, paralisando ou submetendo toda a sua força de geração, seu movimento de criação de realidade e separando sua potência de todo ato imanente do pensar? E como ainda não terminou essa aventura bizarra que continua através de toda a cumplicidade de nossos modos de viver e pensar? Como o pensamento encerrou-se na muralha da representação, com seus modos de contemplar, refletir e comunicar, perdendo assim seu ato mais puro, a expressão imediata de si como acontecimento grávido de singularidades — na borda do tempo mais atual que nos toca ou escapa e que não pode ser representado?

Esquecemos que aquilo a que se nomeia sujeito do conhecimento, objeto do conhecimento, teoria do conhecimento, valores universais, divinos ou humanos, verdade, consciência etc.; e que a imaginação humana credita à dimensão incriada dos céus como formas em si ou entes imutáveis a serem no máximo descobertos, precisou antes, ao contrário, ser inventada. É um esquecimento que nos rouba a inocência quando tomamos tais invenções por leis eternas e insondáveis, pois essa mesma inclinação ao congelamento no Ser implica, em contrapartida, a declinação de toda a existência como devedora. E como a dívida é de

existência, torna-se infinita de desejo. Capitulamos então, como reféns de uma insuficiência incurável cujo modelo se alimenta da imagem que fazemos da dor, da falta, da finitude e da morte.

Perdemos a capacidade de experimentar e de produzir realidades. E quanto mais distantes dessa capacidade, mais a falta e a morte se fazem dominantes em nós. Por isso, precisamos depositar nossas esperanças numa realidade superior já pronta. No entanto, já nem sabemos por onde passa tal realidade, nem como ela joga seu jogo em nós e através de nós. Descolamos nossos atos de nossas potências e cremos recebê-los de fora — seja de um Deus ou da lei de um Estado —, quando, na verdade somos determinados necessária e extrinsecamente por tais atos. Inclusive e principalmente se esse Estado é tomado por um Estado de Direitos Humanos, com sua lei superior transcendental, cabeça dos chamados estados democráticos modernos. Assim, pretende-se preencher o horizonte de qualquer desejo com um puro ato formal de uma “lei rainha” que quer reinar sobre qualquer que seja o seu conteúdo concreto, mas abstrai e dissimula intrinsecamente seu conteúdo real. O poder com seu diagrama de forças que o sustenta, eis o cinismo elegante de nossa modernidade!

O Juízo do ser humano, com seus sistemas de representação da verdade, joga seu jogo no campo ilusório e

supersticioso do livre-arbítrio, cujo valor de liberdade é apenas uma sombra de ignorância inerente a toda consciência. Esta consciência, conhecedora dos desejos e das ações de um corpo e de uma mente, ignora a imanência dos atos que necessariamente determinam tal corpo e tal pensamento a desejar, agir e pensar. O ser humano atual pretende instalar-se no trono da Verdade, outrora ocupado por Deus e pelas igrejas. E, do alto desse puro-dever-ser, sobrevoa e controla o corpo, em nome de uma suposta liberdade “transcendental superior” da consciência.

Podemos criar novos modos de ser que, a partir de uma postura ética e estética, incitem a vida a ultrapassar seus próprios limites passionais e morais, reencontrando a realidade do infinito em nós?

É por isso que precisamos pensar a formação desse pensamento, para assim desconstruí-lo ao mesmo tempo em nós e fora de nós. Desconstruindo-nos como sujeitos assujeitados, desinvestimos os objetos idealizados. E, à medida em que nos perdemos do mundo e das velhas referências projetadas que nos formatavam por introjeção, ganhamos a ocasião de tocar e habitar as zonas (ou vácuos) e os tempos (ou hiatos) de produção de nós mesmos (autoprodução) que estavam encobertos por todos os supostos fundamentos do Real e suas teorias.

É então que criamos a condição de produzirmo-nos como realidades autônomas singulares, sem fundamento em um sujeito ou projeção em um referente ou significante Ideal. A reinvenção da capacidade de produzir continuamente a nós mesmos, como toda natureza viva, só acontece quando encontramos modos próprios de expressão imediata, quando rasgamos o véu da opinião moral e utilitária e as cristalizações de uma memória passiva e ressentida, sem que nos deixemos substituir por mediadores formais ou legais que legitimariam nossos modos coletivos de entrar em relação. E só encontramos modos próprios de expressão e produção quando nos conectamos diretamente com a ordem imanente da própria natureza naturante, como potência absolutamente infinita de acontecer.

Tornar-se singular de tanto afirmar o ser comum (afirmativo do plural), gerar e ser gerado por estofos de uma outra consistência — a do tempo próprio dos nossos processos vitais e de seus modos de devir. Com o cultivo e investimento no aumento da capacidade de sermos afetados; com a invenção de novas formas mais sutis de perceber, que nascem com a presença e a percepção daquilo que percebe em nós e através de nós, que nos faz perceber o imperceptível; com um novo modo de criar sensações, compor com corpos sutis e abrir a sensibilidade às regiões

jamais frequentadas do corpo; com o aumento da presença virtual — mas real — das naturezas incorporais ou modos singulares de passagens, que só podem acontecer no encontro do atual com o virtual em nós; com um novo modo de começar e terminar pelo meio; com tudo isso certamente crescemos e nos fazemos mais fortes, tornamo-nos usinas de modificações imperceptíveis e incapturáveis. O meio imanente é o princípio de toda emergência, sustentabilidade e crescimento das potências que se efetuam em nós, produzindo a nós mesmos e a tudo que depende apenas de nós. É uma superfície tensionante e tensionada, dimensionada para hospedar novas plataformas de lançamento da vida. Somos simultaneamente meios, fontes e alvos de movimentos necessários, por isso implacáveis quando nos confundimos com eles. E quando efetuamos e criamos tempos próprios de acontecimento, nossas jogadas são necessariamente ativas e, portanto, alegres, pois são feitas de singularidades efetivamente livres. Para desposar a fatalidade do inesperado, sem sermos indignos do que nos acontece, é preciso não um bom comportamento, mas velocidade — a velocidade daqueles que chegam como uma tempestade. Como deixar de fora da roda do devir, de modo absoluto, todo poder e saber instituídos que nos separam da vida e, do seio da própria imobilidade

estratégica ou suspensão dos mecanismos sensório-motores, fluir imperceptivelmente, sem ser alvo ao inimigo? Sob os fundamentos, aquém do juízo, ao lado e sobre a ordem, além do céu ideal, entre as memórias e os projetos, nos vácuos dos becos sem saída, tecer linhas de acontecer que criam para nós o ser da passagem.



A RELAÇÃO ENTRE O DESEJO E O PENSAMENTO

Os dois caminhos: o caminho
da forma e o caminho do
acontecimento

O tema que propomos desenvolver e problematizar é complexo. Por isso, selecionamos alguns planos de construção de um horizonte de valores que se oculta e opera sob noções de saúde, de desejo e de pensamento, e que acabaram por tornar-se pressupostos essenciais e inquestionáveis, “naturalmente” adquiridos e aceitos pelos “bons costumes” para compor e legitimar os estratos do corpo de saber do Ocidente.

Os planos e estratificações que abordaremos constituem, portanto, a base de muitas das principais concepções elaboradas pelas civilizações brancas, e cristalizadas ao longo de suas bizarras aventuras no que concerne ao desejo, à saúde e ao pensamento. O sentido dessas noções não se deixa revelar senão na desmontagem de um processo tecido por múltiplas

séries de saberes e de forças que ora convergem, ora divergem, ora caminham paralelas.

Partimos das formações sociais que se servem dos mitos que se efetuam nas funções de soberania dos Estados Bárbaros — formações sociais mágico-religiosas e despóticas —, passando pela emergência do Ocidente, caracterizada por alguns elementos e traços que compõem a cidade grega, cujo surgimento no século 5 a.C. inaugura o que entende-se por modo “civilizado” de ser. Com os gregos da *polis* começa um novo modo de viver e de pensar, gestado simultaneamente nessa nova formação social e política, cujo modelo investido por poderes e saberes continua, estranhamente, a nos garantir “saúde” (ou seria, verdadeiramente, nossa doença de pele ocidental?).

As formações de Saber e as composições de Poder que daí decorrem ainda nos afetam, coexistem e determinam nosso modo atual de existir, isto é, de sentir, agir e pensar.

Com esse recorte no tempo e no espaço destacamos, simultaneamente, um acontecimento polarizador, divisor de águas, e o campo de combate onde se efetua o nascimento de um novo tipo de valor. Nesse sentido, focalizamos alguns aspectos da obra platônica que colaboraram decisivamente para a solidificação de um modo de viver e de pensar calcado na moral, na lei, na razão e no estado.

Esse estilo de vida, aliado a inovações como as trazidas por Kant e Hegel no campo teórico, ainda é (cada vez mais) o nosso contemporâneo.

Além de Platão, passaremos rapidamente por alguns traços da obra de Aristóteles que também contribuíram efetivamente para a imagem sedentária do Ser Humano de Razão e para a produção de mecanismos de assujeitamento das paixões pela desqualificação do desejo.

Em contrapartida, tentaremos situar algumas linhas de desejo e de pensamento que foram sistematicamente repelidas e malditas pelos homens adeptos do bom senso e do senso comum. São linhas livres, que escapam às organizações de esquadramento da vida e minam os sistemas de captura do desejo e do pensamento; são os caminhos nômades inventados e palmilhados pelos pensadores pré-socráticos, por alguns sofistas, cínicos e megáricos, pelos ensinamentos e experiências dos estoicos gregos e pela imanência spinozista. Nesse contexto, situaremos também algumas das veementes e rigorosas críticas de Nietzsche à tradição filosófica implantada a partir de Sócrates e Platão.

Quanto à noção de saúde, entendemos que é apenas um sintoma, efeito do modo como se relacionam o desejo e o pensamento, uma vez que o problema da saúde e da doença do corpo e da alma depende dessa relação. Por isso,

servindo-nos dos antigos gregos, daremos maior atenção à relação problemática entre esses dois elementos. Tal caminho parece impor-se à medida em que gostaríamos de esboçar a emergência, nessa época, de algumas zonas e cortes, formas e composições de forças que instituíram novas fronteiras, construíram novas superfícies, traçaram novas repartições e limites para o desejo e para o pensamento.

Nesse sentido, podemos então tomar duas vias — duas orientações — para pensar a relação entre desejo e pensamento.

Uma é a tradicional, a via sedentária a do senso comum, aquela que triunfou no Ocidente e que se deixa ver através das lentes formais do Estado, da razão e da moral.

A outra toma o caminho da afirmação da vida para além da forma-Deus e da forma-Homem, para além do juízo; é a via do acontecimento como realidade plena ou devir nômade.

Vejamos primeiro a via dos “bons costumes”, a mais familiar — tanto que o pensamento racional ocidental a toma frequentemente por natural.



**LUIZ
FUGANTI**

Desde 1986 ministra cursos, palestras e seminários sob a perspectiva da filosofia da diferença e seu pluralismo, um tipo de pensamento imanente à própria natureza do real, crítico da representação e suas referências transcendententes como princípio de organização do cosmos, da vida e da sociedade humana. Sem vínculos institucionais, criou um movimento, a Escola Nômade de Filosofia, resultante de suas práticas de pensamento.

Ao longo dos anos concebeu diversos cursos destinados a instigar a produção de uma nova maneira de pensar, como *A Formação do Pensamento Ocidental*; *Nietzsche e Deleuze*; *Capitalismo e Esquizofrenia*; *Pressupostos Filosóficos da Esquizoanálise*, entre outros.

Como pensador da saúde, problematiza a instrumentalização da prática da esquizoanálise, desconstruindo noções em um tipo de clínica que enquadra o “paciente” em formas de assujeitamento.

*<https://www.luizfuganti.com/>
youtube.com/luizfuganti*



org.br
mojo

Preparação
Gabriel Naldi

Direção de arte
George Farwell

Revisão
Adriana Monteiro
Jéssica Antares

*Edição de arte e
produção gráfica*
Fernando Ribeiro

Presidente
Ricardo Giassetti

Tesoureiro
Alexandre Storari

Diretores
Gabriel Naldi, Renato Roschel,
Tatiana Bornato

contato@mojo.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P957 Fuganti, Luiz
Saúde, desejo e pensamento: as origens da filosofia nômade. 3ª. Edição /
Luiz Fuganti. – São Paulo: Instituto Mojo, 2021. (Filosofia Nômade).
192 p.

1ª. Edição, 2007, ISBN 978-85-604383-7-2

2ª. Edição, 2016, ISBN 978-85-933820-0-0

**Fuganti, L. A. Saúde, desejo e pensamento. Em Lancetti, A. (Org.),
Saúde e Loucura 2 (pp. 18-82). São Paulo: Hucitec, 1996. – ISBN
8527101300**

ISBN 978-65-89008-10-1

1. Filosofia. 2. Pensamento. 3. Saúde. 4. Desejo. 5. Pensamento Nômade.
6. Filosofia da Diferença. 7. Humanismo. I. Título. II. Série. III. As origens
do pensamento nômade. IV. A relação entre o desejo e o pensamento. V.
O pensamento sedentário. VI. O pensamento nômade. VII. Um diálogo.
VIII. Ao modo de conclusão. IX. Glossário. X. Bibliografia. XI. Instituto
Mojo de Comunicação Intercultural. XII. Filosofia Nômade. XIII. Fuganti,
Luiz Antonio.

CDU 101

CDD 190

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Edição © 2021 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

mojo^{org.br}

Esta obra é resultado da transcrição e da adaptação em forma de texto de três palestras aos alunos do Curso de Formação de Agentes de Saúde Mental, no Instituto Sedes Sapientiae, em 1988, publicada pela primeira vez em 1990 como parte da série *SaudeLoucura*, da editora Hucitec.

*Impressa em papel Pólen 90g/m² nas fontes Anton
e Crimson Text. Junho de 2021.*